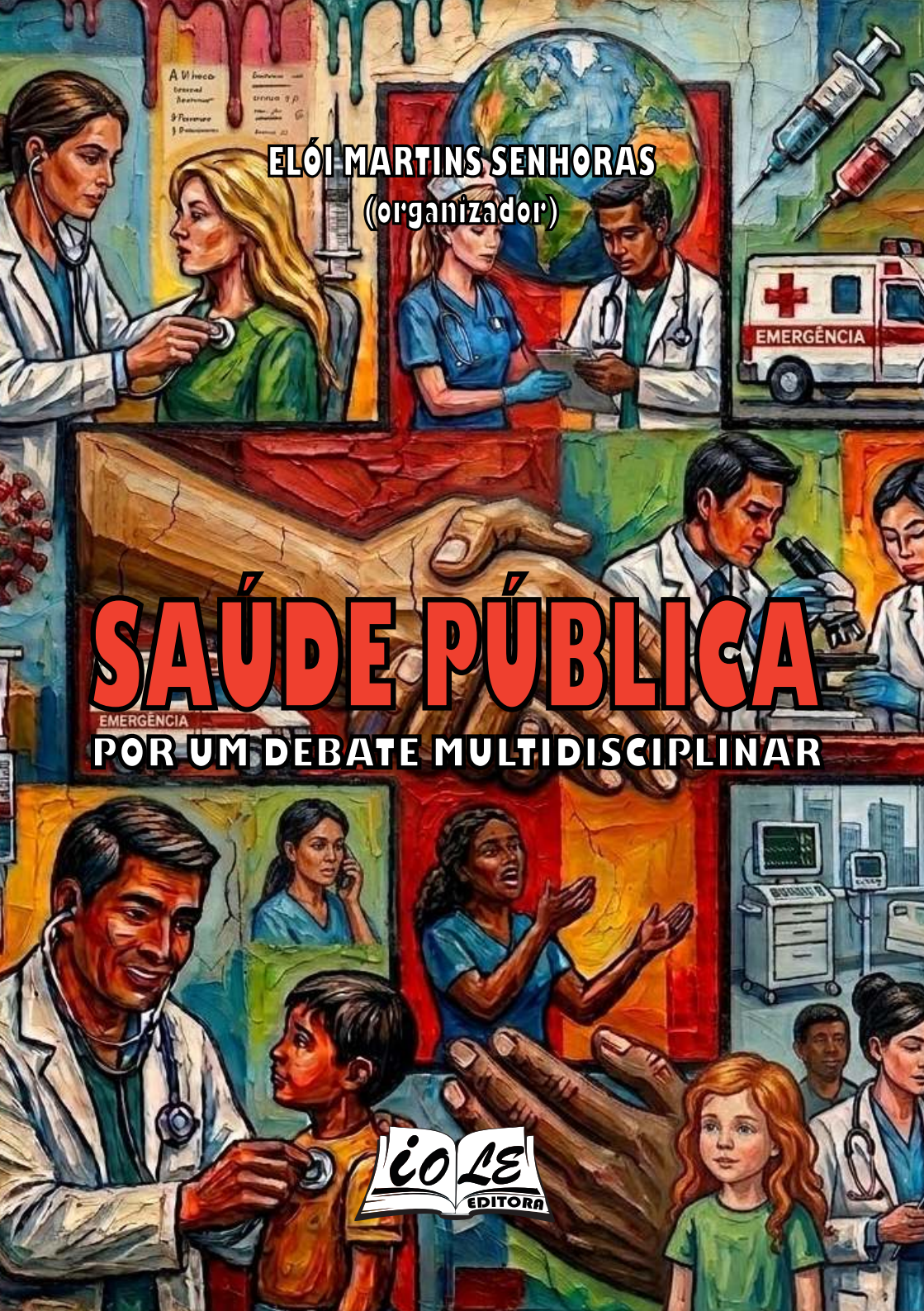
ELÓI MARTINS SENHORAS
(organizador)

SAÚDE PÚBLICA

POR UM DEBATE MULTIDISCIPLINAR



EDITORA

SAÚDE PÚBLICA

Por um Olhar Multidisciplinar

SAÚDE PÚBLICA

Por um Olhar Multidisciplinar

ELÓI MARTINS SENHORAS
(organizador)

BOA VISTA/RR
2026

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



EXPEDIENTE

Revisão
Elói Martins Senhoras
Geane Ribeiro Silva Monteiro

Capa
Alokike Gael Chloe Hounkonnou
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação
Elói Martins Senhoras
Balbina Líbia de Souza Santos

Conselho Editorial
Abigail Pascoal dos Santos
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Fabiano de Araújo Moreira
Julio Burdman
Marcos Antônio Fávaro Martins
Rozane Pereira Ignácio
Patrícia Nasser de Carvalho
Simone Rodrigues Batista Mendes
Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Se77 SENHORAS, Elói Martins.

Saúde Pública: Por um Olhar Multidisciplinar. Boa Vista: Editora IOLE, 2026.

Série: Saúde. Editor: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-977111-6-1
https://doi.org/10.5281/zenodo.23407442

1 - Brasil. 2 - Estudos de Caso. 3 - Multidisciplinaridade. 4 - Saúde. 5 - Saúde Pública.
I - Título. II - Senhoras, Elói Martins. III - Saúde. IV - Série

CDD–614

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.
O presente livro contou com avaliação às cegas no sistema *double-blind-review.*



EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazer contribuições para o avanço da reflexão e das práxis em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2026

CAPÍTULO 4

Ansiedade e Depressão na Comunidade LGBT+: Impactos do Preconceito e da Rejeição Social na Saúde Mental

ANSIEDADE E DEPRESSÃO NA COMUNIDADE LGBT+: IMPACTOS DO PRECONCEITO E DA REJEIÇÃO SOCIAL NA SAÚDE MENTAL

Rárisson Ryan Azevedo Ribeiro[1]

Luiz Fernandes Machado Mendes[2]

O preconceito é um fenômeno social que está relacionado a diversas crenças e valores que foram sendo construídos ao longo da história, sendo um grande fator que em muitos casos acaba contribuindo para que haja discriminação e desigualdade entre grupos sociais (CROCHÍK, 2006; LIMA, 2023). Entre os diversos grupos que são afetados por tais tipos de experiências, podemos encontrar a comunidade LGBT+, que por muitas vezes acaba sofrendo com situações de preconceito e rejeição social, em contextos como nas suas relações familiares, profissionais e até mesmo educacionais. Tais experiências em muitos casos acabam impactando diretamente no psicológico desses indivíduos, causando sentimentos como insegurança, dificuldades de autoaceitação e pertencimento na sociedade.

O objetivo geral desta pesquisa é discutir como o preconceito e a rejeição social vivenciados pela população LGBT+ podem influenciar na sua saúde mental, especialmente no desenvolvimento de ansiedade e depressão. Para que isso fosse possível, bucou-se entender o preconceito como um fenômeno social, além de

[1]Graduando em Psicologia pela Faculdade Cathedral. E-mail para contato: rarisson.rian@gmail.com

[2] Professor da Faculdade Cathedral. Doutor em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail para contato: luizfernandesmachadomendes@gmail.com

compreender também suas manifestações no dia a dia das pessoas que fazem parte dessa comunidade e as consequências sociais e emocionais causadas por tais experiências.

Nesse contexto, este estudo foi orientado através da seguinte problemática: como o preconceito e a rejeição social influenciam no desenvolvimento de ansiedade e depressão na população LGBT+? Tal questão permitiu que a análise fosse direcionada para entendermos qual a relação entre as experiências de discriminação e preconceito vivenciadas por essa parte da população e os possíveis impactos causados na saúde mental dos mesmos.

Tal discussão se mostra relevante, pois, no âmbito acadêmico, contribui para que seja possível de ter uma melhor compreensão sobre a relação entre fatores sociais e saúde mental da população LGBT+, possibilitando assim um melhor entendimento sobre a relação entre fatores sociais e psicológicos. Quando se fala sobre essa temática, favorece também o ampliamento do conhecimento científico quanto a grupos socialmente marginalizados.

No aspecto social, a discussão de tal temática acaba possibilitando uma maior visibilidade às experiências de preconceito e rejeição social vivenciadas pela comunidade LGBT+, como também as consequências emocionais e sociais causadas por tais vivências. A compreensão de tais questões contribui também para que o debates sobre respeito, inclusão e acolhimento sejam ampliados.

No aspecto pessoal e formativo, a escolha do tema vem de um interesse quanto a compreensão mais aprofundada das vivências experienciadas pela população LGBT+ e os fatores que acabam influenciando na sua saúde mental. Além disso, este estudo contribui para que se possa compreender de forma mais sensível tais questões relacionadas a diversidade, acolhimento e preconceito.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica básica, de natureza qualitativa e abordagem dedutiva. Foi feita uma consulta a artigos científicos e livros encontrados na Biblioteca da Faculdade Cathedral, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Depois de realizada a seleção dos materiais relacionados tanto a problemática quanto aos objetivos do estudo, as produções foram lidas e suas informações consideradas relevantes foram sendo selecionadas e organizadas conforme os temas abordados em cada referencial teórico.

A leitura analisada permitiu ter uma melhor compreensão sobre como as experiências de preconceito e rejeição social podem afetar diretamente no bem-estar emocional e social dos membros da comunidade LGBT+, fazendo com que haja uma maior vulnerabilidade psicológica, que pode contribuir para o surgimento ou até mesmo o agravamento de sintomas relacionados a ansiedade e depressão. Por outro lado, foi possível observar também que a presença de redes de apoio e de ambientes acolhedores se mostra um fator de extrema importância para que haja uma maior proteção emocional e para fortalecer nessas pessoas o sentimento de pertencimento social.

REFERENCIAL TEÓRICO

O preconceito como fenômeno social

O preconceito é um fenômeno social que está presente em diversos contextos históricos e culturais ao redor do nosso mundo, ele acaba sendo manifestado através de atitudes, comportamentos e até mesmo crenças, que são direcionados a certos grupos sociais. Muitas vezes as pessoas compreendem tal fenômeno como sendo

apenas um tipo de opinião negativa que se teria sobre alguém, porém é valido explicar que o preconceito envolve processos muito mais complexos que isso, estando relacionado a forma como as pessoas dentro da sociedade criam percepções a respeito das diferenças humanas. Assim, avaliando grupos por meio de ideias que já foram pré-estabelecidas socialmente e não por suas individualidades (CROCHÍK, 2006; LIMA, 2023).

O preconceito pode ser entendido como um fenômeno que não se prende apenas a comportamentos e pensamentos de cada indivíduo isoladamente, pois é diretamente influenciado pelo contexto social em que cada sujeito está inserido. Os pensamentos preconceituosos são frequentemente originados de valores e de representações que são compartilhadas de forma coletiva, que acabam impactando na forma como certos grupos são percebidos pela sociedade. Dessa forma, o preconceito pode ser compreendido como uma consequência da junção dos fatores culturais, psicológicos e históricos da nossa sociedade (CROCHÍK, 2006; LIMA, 2023).

Para que possamos compreender de fato o que é o preconceito, devemos analisar os processos que acabam contribuindo tanto para a sua formação dentro das relações sociais, quanto para a sua permanência. Tal fenômeno não surge de maneira isolada, ele está relacionado as experiências que cada indivíduo passou em sua vida, aos discursos que são implementados na sociedade e às formas como alguns grupos foram sendo representados ao longo da história. Quando paramos para estudar sobre o preconceito, somos capazes de entender o motivo por trás de tantas atitudes que até então pareciam individuais, mas que na verdade se trata de mecanismos sociais que acabam favorecendo desigualdade e exclusão de certos grupos (CROCHÍK, 2006; LIMA, 2023).

Certos termos, como preconceito, estereotipo e discriminação são frequentemente compreendidos como sinônimos ou como conceitos parecidos por algumas pessoas, mas é preciso entender que cada termo apresenta uma diferença importante. O termo "preconceito" se refere a atitudes e avaliações que pessoas dentro de uma sociedade podem acabar fazendo em relação a indivíduos que fazem parte de determinados grupos sociais. Essas avaliações costumam surgir na mente das pessoas antes mesmo de terem um conhecimento real sobre tal individuo, ou seja, são geralmente originadas de ideias que já estão estabelecidas e foram amplamente compartilhadas dentro da sociedade (CROCHÍK, 2006; LIMA, 2023; IRIART; CASTELLANOS, 2023).

Os estereótipos correspondem às crenças que por muitas vezes são associadas de forma generalizada as pessoas que fazem parte de determinados grupos sociais. É por meio deles que certas características acabam sendo atribuídas a todos os sujeitos que fazem parte de um determinado grupo, ignorando as características pessoais que os tornam únicos e diferentes uns dos outros, reduzindo a complexidade das experiências humanas a um simples pensamento como "todos são desse jeito". Assim, os estereótipos acabam contribuindo para que se criem imagens simplificadas que não estão de acordo com a realidade, o que favorece tanto percepções negativas quanto atitudes preconceituosas vindo de pessoas de fora desses grupos (CROCHÍK, 2006; LIMA, 2023; IRIART; CASTELLANOS, 2023).

A discriminação, por outro lado, se apresenta como uma manifestação prática dos dois termos explicados anteriormente, sendo o resultado dessas crenças e atitudes, ocorrendo nos momentos em que indivíduos pertencentes a certos grupos recebem um tipo de tratamento diferente ou são excluídos por apresentarem as características associadas a aquele grupo social que estão inseridos. Dessa forma, enquanto o preconceito é algo que está relacionado as

atitudes e aos julgamentos feitos pelas pessoas na sociedade, a discriminação se trata de comportamentos concretos que aumentam o nível de desigualdade social e que podem acabar limitando o número de oportunidades para os membros de certos grupos sociais (CROCHÍK, 2006; LIMA, 2023; IRIART; CASTELLANOS, 2023).

Podemos entender o preconceito como um fenômeno que foi construído pela sociedade com o passar dos anos, não sendo uma característica que está presente no pensamento das pessoas desde seu nascimento. Conforme um indivíduo vai passando pelo processo de socialização, acaba entrando em contato com os valores e as crenças comuns na sociedade em que vive, e tais fatores impactam diretamente na forma como interpreta o mundo e as diferenças que existem entre os grupos sociais. Dessa forma, alguns pensamentos e julgamentos apresentados dentro de uma sociedade podem acabar sendo absorvidos pelas pessoas, que os reproduzem ao longo da vida, contribuindo para o crescimento de ideias preconceituosas (LOURO, 2000; CROCHÍK, 2006).

Tal processo de construção de valores é formado também graças as diferentes instituições sociais que fazem parte da vida do indivíduo, elas participam também muitas vezes da construção de significados atribuídos as diferenças humanas. A família, escola e religião são exemplos de espaços de convivência que transmitem para o sujeito as suas normas e sua visão de mundo, ensinando desde cedo quais tipos de comportamentos são considerados adequados e quais são inadequados quando se está dentro de determinado contexto social. Assim, essas e outras instituições são capazes de contribuir para que o indivíduo reproduza certos preconceitos e absorva pensamentos discriminatórios que são presentes na sociedade (LOURO, 2000; CROCHÍK, 2006).

Conforme o processo de socialização vai passando, certas características passam a ser vistas como as corretas e únicas que devem ser seguidas, enquanto outras acabam sendo associadas a

pensamentos negativos, se tonando características reprováveis aos olhos das pessoas. Dessa forma, as diferenças deixam de ser consideradas meras individualidades humanas e passam a ser vistas como motivos para julgamento e até mesmo para a exclusão. Assim, o preconceito passa a refletir um conjunto de valores que são compartilhados socialmente, fazendo com que, por mais que certos pensamentos com o tempo deixem de ser aceitos publicamente, tais crenças ainda assim possam aparecer mesmo que de forma sutil (LOURO, 2000; CROCHÍK, 2006).

Os comportamentos, valores e formas de convivência que são considerados adequados são estabelecidos de acordo com a sociedade em que tais sujeitos estão inseridos, isso é o que influencia em como as diferenças vão ser enxergadas em seu contexto social. Sendo assim, determinadas características passam a ser vistas como as normais, enquanto as pessoas da sociedade que apresentam características desviantes das estabelecidas previamente acabam sendo vistas com maus olhos por grande parte das outras pessoas, que consequentemente se sentem livres para tratar aqueles indivíduos de forma diferente e discriminatória, afinal, estão indo contra o que sua sociedade adotou como o certo (LOURO, 2000).

Podemos perceber o preconceito também através da forma como certos grupos ocupam uma posição de maior poder ou status dentro de uma sociedade, afinal, enquanto alguns grupos estão em posições que são socialmente privilegiadas, outros são colocados em contextos de desvalorização e até mesmo de exclusão. Assim, podemos perceber que o preconceito contribui de forma direta no fortalecimento das desigualdades sociais presentes nas sociedades, pois muitas pessoas e grupos de posições privilegiadas utilizam de determinadas características para justificar a forma diferente de tratar outros grupos que consideram errados, o que contribui para a perpetuação de estruturas preconceituosas e discriminatórias (CROCHÍK, 2006; LIMA, 2023).

Muitos grupos foram sendo associados a características negativas ao longo da história, sendo sempre tratados como inferiores pela maioria dos outros grupos, o que, conforme o tempo foi passando, foi evoluindo para que atualmente ideias preconceituosas que marginalizam e discriminam tais grupos sejam favorecidas. Nenhuma dessas representações de grupos considerados inferiores surgiu de maneira aleatória, todas foram criadas a partir dos pensamentos presentes em determinados contextos sociais e culturais. Dessa forma, os pensamentos preconceituosos podem ser usados para justificar a desigualdade nas sociedades, pois reforça que certos grupos simplesmente não possuem tanto valor quanto outros (CROCHÍK, 2006; LIMA, 2023).

Os impactos do preconceito não ficam somente no âmbito individual e cada pessoa, mas apresentam também consequências coletivas, pois acaba interferindo na forma como certos grupos participam da sociedade, pois se uma parte da população é frequentemente associada a certos tipos de estereótipos negativos, acaba sendo mais desafiador para essas pessoas conquistar o reconhecimento e a ter as mesmas oportunidades que os demais indivíduos possuem. Assim, o preconceito atua como um fator que não apenas produz, como também mantem as desigualdades entre os indivíduos que estão presentes numa mesma sociedade, favorecendo o sucesso de alguns e deixando outros com uma certa desvantagem (CROCHÍK, 2006; IRIART; CASTELLANOS, 2023).

Com isso em mente, conseguimos compreender que não se deve analisar o preconceito como apenas sendo atitudes individuais de algumas pessoas, pois esse tipo e pensamento limita a compreensão deste fenômeno tão complexo. Apesar de aparecer frequentemente dentro das relações, devemos lembrar que tais pensamentos vem de anos de história em que o preconceito foi evoluindo até chegar no que podemos ver hoje, estando associado também a estruturas sociais e culturais. Por conta disso, para que seja

possível enfrentar o preconceito não se deve focar apenas nas mudanças individuais, mas também deve-se transformar a forma como a sociedade percebe e valoriza as diferenças entre os grupos (CROCHÍK, 2006; IRIART; CASTELLANOS, 2023).

Hoje em dia podemos perceber o quanto a sociedade vem evoluindo, a ponto de que muitos comportamentos preconceituosos, que há poucos anos seriam considerados comuns, hoje em dia são vistos como inaceitáveis em ambientes públicos, demonstrando um grande avanço social relacionado as diferenças e a promoção de igualdade. Apesar disso, o preconceito não sumiu de vez, e continua presente em diversos contextos. Isso se deve ao fato de que, como discutimos antes, o preconceito não é algo que depende apenas de opiniões individuais para se manter, mas também de valores e discursos que são reproduzidos na sociedade. Assim, algumas formas de preconceito se mantem presentes mesmo sendo menos aceitas em público (CROCHIK, 2006; LIMA, 2023; LOPES, 2024).

As ideias preconceituosas são frequentemente transmitidas através das interações que os membros de uma sociedade têm uns com os outros e dos costumes e pensamentos adquiridos ao longo de suas vidas. Desde a infância, os indivíduos são expostos a vários discursos como também a diversas representações a respeito de outros grupos diferentes do seu que são considerados estranhos ou errados, podendo assim reproduzir as mesmas percepções sem nem mesmo parar para refletir sobre a origem de tal linha de pensamento. Este processo acaba contribuindo para que haja a manutenção destes preconceitos e diferentes gerações acabem herdando o mesmo tipo de pensamento (CROCHIK, 2006; LIMA, 2023; LOPES, 2024).

A reprodução dos estereótipos que foram sendo construídos ao longo dos anos na sociedade também acaba contribuindo para que o preconceito se mantenha presente atualmente, pois reduzem um indivíduo unicamente as características que são frequentemente associadas ao grupo que ele pertence, e ignora todos os outros

aspectos de sua vida que contribuíram para aquele sujeito ser quem ele é. Dessa forma, pode-se dizer que o fato de o preconceito persistir ainda hoje se deve ao fato de este fenômeno estar relacionado com fatores tanto psicológicos quanto sociais e culturais, sendo necessário um melhor entendimento do mesmo para possibilitar cada vez mais relações que respeitam suas diferenças (CROCHIK, 2006; LIMA, 2023; LOPES, 2024).

Quando paramos para analisar a complexidade deste fenômeno, podemos perceber que ele atingiu mais de um grupo social através de suas manifestações ao longo da história, sendo que muitos destes grupos ainda sentem os impactos até dias atuais. Entre eles, podemos perceber as minorias sociais, que são grupos passam por experiências de desigualdade e marginalização com muita frequência, mesmo diante de toda a evolução da sociedade em relação ao preconceito. Tais processos estão fortemente relacionados os estereótipos que foram sendo construídos ao longo da história e a desvalorização dessas diferenças entre os grupos dentro da sociedade (LOURO, 2000; LOPES, 2024; CROCHÍK, 2006).

Diante do entendimento de como o preconceito funciona na sociedade, somos capazes de analisar com mais clareza a forma como certos mecanismos sociais podem influenciar de forma direta nas experiências de discriminação que os membros de grupos minoritários acabam sofrendo. A maneira como uma sociedade define seus padrões, estabelece as normas que seus membros deverão seguir, e como eles irão enxergar as diferenças dos que não seguem tais normas irá contribuir de forma direta em como certos grupos serão percebidos no seu dia a dia (LOURO, 2000; LOPES, 2024; CROCHÍK, 2006).

Dessa maneira, depois de ter compreendido o preconceito como um fenômeno social que vem sendo construído ao longo de vários anos de história, e o relacionado a processos culturais e psicológicos, torna-se necessário analisar como tal fenômeno se

manifestou e ainda se manifesta em grupos específicos. Nesse contexto, grupos que ao longo da história foram vítimas do preconceito por não seguirem as normas sociais podem atualmente passar por experiências de preconceito e rejeição social, como ocorre com a população LGBT+. Assim, torna-se possível discutir como as manifestações de preconceito influenciam nas suas vivencias e até mesmo nas suas relações dentro da sociedade (LOURO, 2000; LOPES, 2024; CROCHÍK, 2006).

Preconceito e marginalização da população LGBT+ no cotidiano

Ser um membro pertencente a comunidade LGBT+ dentro da nossa sociedade significa ser alvo de preconceito e rejeição social em muitas situações durante sua vida, essas situações deixam marcas que influenciam na saúde mental. Tais experiências nem sempre ocorrem de maneira explicita, em muitos casos o preconceito se mostra através de formas mais sutis, como por pequenas atitudes ou comportamentos, que podem até parecer inofensivos à primeira vista, mas acabam tendo um impacto significativo no psicológico desses indivíduos (SILVA JUNIOR *et al.*, 2025).

Em muitas situações, pode-se perceber o preconceito sendo mostrado através de comentários ou piadas que desrespeitam ou até menosprezam a existência de pessoas que não correspondem as normas cis heterossexuais. Essa discriminação sistemática contribui para a formação de pensamentos negativos e até de transtornos, podendo causar uma internalização do estigma, em que o indivíduo passa a absorver e acreditar naquelas afirmações preconceituosas que fazem sobre a sua pessoa (SILVA JUNIOR *et al.*, 2025).

Esses acontecimentos podem ocorrer em diversos locais de convivência onde relações sociais fazem parte da rotina, como em

escolas, no trabalho, em locais públicos por e até mesmo nos ambientes familiares. Em tais contextos o preconceito pode se mostrar tanto de forma direta, como por *bullying* e outras formas de discriminação claras, quanto de forma indireta, através de comportamentos mais discretos, como afastamento ou até mesmo a falta de inclusão nos grupos (SILVA JUNIOR *et al.*, 2025).

A violência verbal e física se mostra muito presentes em muitas dessas situações, especialmente nos ambientes escolares. Essa exposição constante ao *bullying* LGBTfóbico aumenta ainda mais o sentimento de inferioridade, de não pertencimento, de ter "nascido errado", como também gera baixa autoestima nas vítimas, facilitando o desenvolvimento de transtornos como depressão e ansiedade (SILVA JUNIOR *et al.*, 2025).

Além da exclusão sofrida por essas pessoas, há também a invisibilização que ocorre com frequência no seu cotidiano, podendo também ser interpretada como uma forma de rejeição social. Esse fenômeno pode ser observado em certos contextos em que as experiências e vivências de pessoas da comunidade LGBT+ são desconsideradas ou não recebem a devida atenção. Tal invisibilização pode acabar ocorrendo quando suas demandas especificas não são reconhecidas dentro de certos espações sociais, o que contribui para que suas realidades sejam pouco discutidas e compreendidas pelas pessoas. Dessa forma, certas dificuldades sofridas por esses indivíduos acabam sendo minimizadas. Por uma grande parte da população (SILVA JUNIOR *et al.*, 2025).

Não é algo raro ver indivíduos deixando de se posicionar diante de situações de preconceito LGBTfóbico por receio das prováveis consequências dentro do ambiente em que estão inseridos. Há até mesmo casos em que relatos e vivencias de pessoas da comunidade que não são levados a sério por instituições, contribuindo mais ainda para a invisibilização e falta de reconhecimento dessas experiências (SILVA JUNIOR *et al.*, 2025).

Uma dificuldade enfrentada por muitas pessoas da comunidade é a expulsão de suas casas por conta de sua sexualidade ou identidade de gênero. Este abandono afetivo é um reflexo de uma cultura heterocisnormativa que impõe como homens e mulheres devem agir em determinadas situações, e muitos pais quando percebem que seus filhos fogem demais de determinado padrão, optam por abandoná-los, por conta do sentimento de decepção (NUNES; GARCIA, 2022; SILVA JUNIOR *et al.*, 2025; BELISARIO, 2025).

Quando falamos do contexto em que a população LGBT+ vive, tais padrões, que já estão estabelecidos dentro da nossa sociedade, podem ser percebidos através da heterocisnormatividade, que é o que define todas essas expectativas que se criam ao redor da orientação sexual, da identidade de gênero e das formas de expressão das pessoas. Assim, todos aqueles que apresentam qualquer tipo de comportamento que não seja correspondente ao modelo adotado pela sociedade como o certo estão sujeitos a situações de julgamento e até mesmo de discriminação, o que nos mostra o quanto tais normas criadas pela sociedade acabam influenciando diretamente nas experiências cotidianas dessas pessoas (NUNES; GARCIA, 2022).

Essas expectativas relacionadas ao gênero podem ser percebidas já nos primeiros momentos de vida de uma pessoa, pois aspectos como comportamentos, interesses e suas formas de expressão geralmente são constantemente observadas pelos responsáveis, a fim de analisarem se tais aspectos em suas crianças estão condizentes com os socialmente adequados ao gênero cujo qual foram designadas ao nascerem (NUNES; GARCIA, 2022).

A partir do momento que uma criança nasce menino ou menina, imediatamente os pais criam expectativas a respeito da vida inteira daquela criança, por exemplo, se é um menino, vai crescer e dar orgulho aos seus pais se tornando algo como um jogador de futebol, ou qualquer outra profissão associada diretamente ao

masculino culturalmente, enquanto se o filho nascer do sexo feminino, automaticamente isso também gerará expetativas correspondentes ao seu sexo, como pensar que ela se tornará uma ótima cozinheira, dançarina, ou qualquer outra coisa que a sociedade considere feminina (NUNES; GARCIA, 2022).

Quando um dos lados cresce e apresenta características opostas ao seu gênero, a reação dos pais raramente é positiva, e assim aquela criança que está apenas fazendo o que gosta de fazer, começa a sofrer preconceito dentro de sua própria casa, de seus próprios parentes. Em crianças LGBT+ esse fator é o que gera certa insegurança de muitos de se assumirem para os pais, por medo da rejeição, por medo de perder o afeto, o apoio de quem amam, por apenas amar alguém do mesmo gênero, ou por não se identificar com seu corpo biológico (NUNES; GARCIA, 2022).

Algo muito utilizado pelas pessoas que praticam tal tipo de preconceito é o argumento religioso, em que afirmam que segundo a palavra de Deus, as pessoas que fazem parte da comunidade LGBT+ estariam condenadas ao sofrimento eterno por irem contra sua criação. Em um país que tem como esmagadora maioria da população indivíduos cristãos, esse tipo de argumento facilmente ganhou força e se sustenta até os dias atuais, sendo amplamente utilizado quando o assunto da LGBTfobia entra em pauta (SOUZA, 2025).

Quando líderes religiosos utilizam de trechos bíblicos para enaltecer esse tipo de discurso, isso acaba por contribuir para que pessoas de sexualidades e identidades de gênero diferentes das consideradas “normais” sejam cada vez mais marginalizadas dentro da sociedade, pois tal discurso argumenta que são pecadores e que podem influenciar as crianças a pecar também, trazendo desordem a sociedade cristã que tanto valorizam, o que encoraja mais ainda aqueles que já são contra a existência dessa parte da população a tratá-los com desrespeito e até com violência (SOUZA, 2025).

Além disso, há também aqueles que são LGBT+, mas que acreditam em Deus e também seguem a fé cristã. Para estas pessoas acaba sendo muito difícil encontrar uma igreja que os acolha de fato e os aceitem como são, e em muitos casos, as igrejas se tornam um lugar aversivo justamente por aquele individuo ser um LGBT+ dentro da igreja. O preconceito dentro desses ambientes muitas vezes é incentivado pelos próprios membros da igreja, o que dificulta a experiência religiosa de pessoas LGBT+ que desejam apenas viver sua espiritualidade de forma plena ao lado de seus irmãos de fé (SOUZA, 2025).

Um outro fator a ser considerado na vivência de pessoas da comunidade são as barreiras que enfrentam no acesso aos serviços de saúde. Há um certo descaso de alguns profissionais quando se trata de oferecer um tratamento inclusivo para pessoas LGBT+, havendo assim uma certa ausência de profissionais capacitados para lidar com tais questões. Por conta disso, a confiança de pessoas LGBT+ no sistema de saúde em muitos casos é prejudicada, já que profissionais como psiquiatras, médicos e até mesmo psicólogos por vezes acabam por apresentar atitudes preconceituosas (SILVA JUNIOR *et al.*, 2025).

Por conta disso, uma grande parte da população LGBT+ evita a busca pelos cuidados com sua saúde mental, afinal há o receio constante de que os profissionais podem acabar os estigmatizando e os tratando com discriminação. Essa preocupação pode estar relacionada tanto a experiências negativas passadas dentro de tais ambientes de saúde quanto a outras vivências experienciadas por esses indivíduos dentro de outros espaços sociais, como no contexto familiar e comunitário por exemplo. Dessa forma, muitas vezes a falta de preparo e de acolhimento apresentada por alguns profissionais em nossa sociedade pode acabar representando uma barreira no acesso dessas pessoas aos cuidados básicos com a própria saúde (SILVA JUNIOR *et al.*, 2025).

Por conta do preconceito, muitos profissionais não são preparados para lidar com situações relacionadas a identidade de gênero ou a orientação sexual, e quando atendem um paciente da comunidade, acabam apresentando diagnósticos imprecisos e um tratamento inadequado para aquele paciente, prejudicando assim o atendimento prestado pelo profissional, o que consequentemente aumenta ainda mais a desconfiança e a insegurança de pacientes LGBT+ com relação ao sistema de saúde (SILVA JUNIOR *et al.*, 2025).

Ser parte dessa população minoritária dentro de nossa sociedade pode representar não apenas risco de preconceito, como também pode representar até mesmo risco de vida, pois existem altas taxas de violência contra esta comunidade. Não é raro se deparar com notícias como de homossexuais que foram vítimas de violência ou que foram assassinados por pessoas que não concordavam com seu estilo de vida, ou que simplesmente não gostaram de os ver andando de mãos dadas em público por exemplo (CRAVO; VERDERAMIS, 2023).

Por conta disso, os membros desta comunidade vivem em sensação de vulnerabilidade, tomando cuidado para que ninguém os veja fazendo qualquer comportamento considerada gay, mesmo que sejam somente por conta de estereótipos machistas e/ou homofóbico, especialmente em ambientes predominantemente frequentados por héteros (CRAVO; VERDERAMIS, 2023).

Podemos perceber o preconceito e a rejeição social sendo direcionados a comunidade LGBT através de contextos históricos e sociais que acabaram contribuindo para a construção de certos estigmas. Como por exemplo na época que estava ocorrendo a epidemia de HIV, em que muitas pessoas associavam a doença a homossexualidade, o que aumentava ainda mais a visão estigmatizada que muitos tinham por tais indivíduos (GOMES *et al.*, 2021).

Estas construções sociais também podem ser observadas em certas práticas institucionais do passado, como em normas que restringiam que homens que se relacionassem com outros homens pudessem doar sangue, exigindo que homossexuais que quisessem doar sangue deveriam permanecer em abstinência de práticas homossexuais por pelo menos 12 meses, o que evidencia que o preconceito e a rejeição social podem se manifestar tanto nas relações sociais quanto em estruturas mais amplas da nossa sociedade (GOMES *et al.*, 2021).

Um outro momento em que muitos LGBT+ passam por dificuldades é na hora de conseguirem empregos, por conta de certos estereótipos relacionados a sexualidade ou apenas por preconceito. Em trabalhos que envolvam crianças por exemplo, homens gays por muitas vezes não permanecem fixamente, por conta de pensamentos que associam a homossexualidade a certos tipos de comportamentos socialmente condenados (GOMES *et al.*, 2021).

Apesar disso, pode-se dizer que ainda há muitas oportunidades de empregos para gays, lésbicas e bissexuais, mas essa acaba não sendo a realidade das pessoas transexuais, tendo em vista que a transfobia ainda se manifesta de forma mais nítida para essa parte da comunidade. Por conta disso, pessoas trans acabam tendo suas chances de ingressar em um bom emprego altamente reduzidas, não conseguindo se capacitar profissionalmente muitas vezes (GOMES *et al.*, 2021).

Por conta de o motivo principal da violência contra a população LGBT+ ser a identidade de gênero, os que mais sofrem com tais ataques são aqueles rotulados como “gays afeminados”. Por conta disso, muitos acabam se forçando a ter os comportamentos esperados dentro dos padrões heteronormativos, com a intenção de sofrerem menos ataques de homofobia e serem mais aceitos pelas pessoas ao seu redor. Isso acaba fazendo com que muitos não vivam suas vidas da forma que gostariam, o que causa um impacto

significativo na sua saúde mental (GOMES *et al.*, 2021).

Apesar de todas as formas de preconceito e rejeição social que as pessoas da comunidade LGBT+ passam todos os dias, devemos compreender que não são todos os indivíduos que passam por essas experiências da mesma maneira e com a mesma intensidade. Muitos fatores podem acabar contribuindo na forma como essas situações irão aparecer no cotidiano de cada membro da comunidade, como fatores sociais, culturais e familiares por exemplo. Esses fatores muitas vezes influenciam diretamente na forma como cada pessoa vai vivenciar tais acontecimentos de preconceito e rejeição, e em muitos casos na forma como vão lidar com essas experiências (SILVA JUNIOR *et al.*, 2025).

Sendo assim, para que possamos compreender melhor esta dinâmica é muito importante considerar os diferentes fatores sociais e culturais na vivência dos indivíduos pertencentes a essa porcentagem da nossa sociedade, tendo em vista que nenhuma dessas situações ocorre de maneira isolada, mas acontecem como resultado de um conjunto de diferentes relações sociais e normas do cotidiano na vida desses sujeitos, expostos a tais situações (SILVA JUNIOR *et al.*, 2025).

Consequências emocionais e sociais do preconceito e da rejeição social na população LGBT+

As experiências relacionadas ao preconceito que as pessoas da comunidade LGBT+ enfrentam em seu cotidiano muitas vezes acabam gerando impactos que vão além dos episódios discriminatórios em si, e que acabam influenciando diretamente tanto nos aspectos sociais quanto psicológicos desses indivíduos. Se uma pessoa é exposta com frequência a essas situações de exclusão

e julgamento, isso acaba interferindo na forma como aquele sujeito percebe a si mesmo dentro da sociedade, impactando até mesmo nas suas relações. Assim, tais experiências podem acabar afetando diversos aspectos de sua vida, nos fazendo perceber que o preconceito tem consequências complexas que vão muito além do momento em que ocorre (GONTIJO *et al.,* 2024).

Essa invalidação sofrida constantemente pelos membros da comunidade LGBT+ pode acabar interferindo diretamente na subjetividade dessas pessoas. Sentimentos relacionados a insegurança emocional e dificuldade de aceitação são muito comuns de serem percebidos em muitos desses sujeitos, e em muitos casos esses sentimentos podem ter sido causados devido a coisas como a falta de reconhecimento de suas vivências e a ausência de acolhimento social. Por mais que a sociedade como um todo esteja evoluindo em relação a este assunto, ainda é a realidade da imensa maioria dos cidadãos que pertencem a essa porcentagem da população (GONTIJO *et al.,* 2024).

A sensação de pertencimento representa uma necessidade de imensa importância para que o desenvolvimento emocional de um ser humano aconteça, as relações sociais presentes em suas vidas vão influenciar diretamente o bem-estar psicológico. Algo que pode contribuir de forma bastante significativa no sentimento de segurança emocional é a presença de vínculos acolhedores na vida daquele individuo, pois esses vínculos ajudam muito na forma como as pessoas lidam com as experiências de sofrimento social. A existência de ambientes inclusivos contribui para que a pessoa consiga ter relações emocionais e até mesmo experiências interpessoais mais saudáveis durante sua vida (COLISSI; PUREZA, 2024).

Quando falamos desse assunto nos referindo a situação das pessoas da comunidade LGBT+, o sentimento de pertencimento social pode ser bastante dificultado devido as experiências

frequentes de preconceito, que fazem com que muitos desses sujeitos passem a não se sentirem pertencentes a certos tipos de espaços sociais, principalmente quando falamos de lugares que estão marcados pela discriminação e exclusão social dessas pessoas. Tais experiências favorecem ainda mais os sentimentos de inadequação social e de insegurança. O receio do julgamento vindo das outras pessoas acaba interferindo diretamente de forma negativa na maneira que pessoas LGBT+ interagem com o ambiente ao seu redor (COLISSI; PUREZA, 2024).

Como consequência de tais experiências, o afastamento social muitas vezes é um meio de fuga adotado pelas pessoas dessa comunidade, surgindo como uma tentativa de proteção contra novos eventos de discriminação, preconceito e rejeição social que possam ocorrer. Porém, apesar de este tipo de comportamento representar o medo do sofrimento, tal necessidade constante de se afastar de certos espaços também acaba trazendo consequências negativas no que diz respeito as relações sociais e emocionais desses indivíduos. Essa redução nas suas interações muitas vezes alimenta certos tipos de sentimentos, como os de isolamento por exemplo, o que dificulta a construção de relações baseadas em confiança (SANTOS; LIMA, 2022).

Diante disso, podemos perceber como essa necessidade constante de ocultar aspectos que estão intrinsicamente ligados à sua própria identidade pode acabar representando uma fonte de sofrimento emocional para as pessoas que fazem parte da comunidade LGBT+. O fato de estarem na maior parte do tempo tentando controlar seus comportamentos, suas formas de se expressar e até mesmo esconder informações pessoais como uma forma de evitar que as outras pessoas os julguem pode impactar significativamente no seu psicológico. Além disso, se um indivíduo sente constantemente que precisa esconder quem ele é para ser aceito, isso afeta diretamente no seu processo de aceitação, o fazendo

desenvolver questões de insegurança (SANTOS; LIMA, 2022).

Muito embora estes mecanismos funcionem em alguns casos, e essas pessoas LGBT+ realmente consigam passar despercebidas nos ambientes, não sofrendo da exclusão social pela qual temiam, isso também pode gerar um outro tipo de sofrimento emocional, afinal, para que aquela pessoa possa existir naquele local, ela deve abrir mão de tudo que constrói seu ser, sendo incapaz de expressar livremente a sua própria identidade caso queira ser tratada como alguém normal diante dos olhos das pessoas ao seu redor. Isso contribui significativamente para que cresça cada vez mais um sentimento de angústia e até mesmo de frustração, causando assim uma repressão emocional dentro da mente deste sujeito (SANTOS; LIMA, 2022).

As experiências constantes de sofrimento devido ao preconceito também são capazes de impactar bastante na forma como um membro da comunidade enxerga a si próprio. Chamamos esse fenômeno de "homofobia internalizada", em que um indivíduo LGBT+ acaba de certa forma rejeitando a sua própria identidade. Isso é muito comum de ser percebido especialmente em pessoas bissexuais, que acabam optando por terem relacionamentos heteroafetivos mais regularmente, enquanto escolhem ter relações homoafetivas mais casualmente, o que faz com que a sua bissexualidade seja de certa forma camuflada, os fazendo sofrer menos com a discriminação em comparação a indivíduos homossexuais (CECY *et al.,* 2024; BATISTA *et al.,* 2024).

Isso ocorre devido ao fato de que, em muitos casos, a rejeição social acaba favorecendo sentimentos de inferioridade e insegurança, e a repetição constante de tais experiências pode contribuir bastante para que essa porcentagem da população sinta dificuldades enormes em relação ao reconhecimento de seu próprio valor como ser humano, e com isso a sua autoimagem acaba sendo muito afetada. A internalização do estigma social é algo que deve ser

dado atenção, pois nem todas as pessoas que fazem parte da comunidade conseguem ouvir todos os discursos preconceituosos disseminados socialmente sem acabarem absorvendo aquelas ideias, muitas acabam desenvolvendo sentimentos negativos relacionados a sua própria imagem devido a isso (CECY *et al.,* 2024; BATISTA *et al.,* 2024).

A internalização de tais discursos em muitos casos faz com que cresça na mente daquele individuo um sentimento de vergonha e até mesmo de culpa por não seguir as normas heteronormativas e cis normativas pregadas pela sociedade, o fazendo ter pensamentos como o de que nasceu errado ou que precisa que Deus o cure, o que agrava de forma considerável o sofrimento emocional vivenciado pelos membros da comunidade LGBT+. Esse sentimento as faz perceber suas próprias características como sendo inadequadas e socialmente inaceitáveis. Assim, o medo do julgamento se torna maior, afinal até o próprio sujeito já internalizou tais estigmas, o que acaba dificultando ainda mais o seu processo de autoaceitação (CECY *et al.,* 2024; BATISTA *et al.,* 2024).

Um outro aspecto que deve ser levado em conta na construção do psicológico desses indivíduos é a normalização da violência direcionada a pessoas pertencentes a comunidade LGBT+ em diversos contextos sociais. Afinal, a exposição constante a essas situações em que a violência contra pessoas da comunidade LGBT+ são minimizadas ou até mesmo naturalizadas socialmente, pode impactar significativamente no psicológico e no emocional desses indivíduos, o que pode fazer com que acabem desenvolvendo sentimento de insegurança e até mesmo de desamparo diante de tais situações, assim podendo passar a perceber certos ambientes como pouco acolhedores e até ameaçadores (COSTA; NOVO, 2025).

Isso torna essas agressões e demonstrações de preconceito direto aos LGBT+ como sendo algo comum ou naturalizado dentro da nossa sociedade, e essa normalização contribui para que esses

indivíduos cada vez mais desenvolvam um sofrimento emocional profundo, além de favorecer mais os sentimentos de fragilidade psicológica e de sentir que estão desamparados perante uma sociedade que demonstra de várias formas diferentes que os abomina. Como consequência disso, a repetição de todas estas experiências pode agravar os sentimentos de vulnerabilidade enfrentados todos os dias pela população LGBT+, impactando diretamente e intensamente na sua saúde mental e na sua qualidade de vida (COSTA; NOVO, 2025).

Um fator que muitas vezes representa uma grande fonte de sofrimento para os membros dessa comunidade é a quebra de vínculos e o afastamento de suas redes de apoio. O fato de que muitas vezes essas pessoas são rejeitadas por seus familiares, amigos ou até mesmo outros grupos sociais, como colegas de trabalho por exemplo, pode acabar favorecendo sentimentos de solidão, especialmente quando tais vínculos representavam fontes muito importantes de acolhimento para aquele indivíduo (COSTA; NOVO, 2025).

A forma como as pessoas da comunidade LGBT+ constroem a suas relações afetivas e sociais pode ser bastante afetada pelo medo constante da rejeição, afinal são pessoas que em muitos casos estão sempre preocupadas com o possível abandono e julgamento daqueles que os cercam, e esse sentimento favorece o surgimento de outros sentimentos similares como a insegurança ou vulnerabilidade afetiva (SANTOS; LIMA, 2022; GONTIJO *et al.,* 2024; COLISSI; PUREZA, 2024).

Em muitos casos, os indivíduos já passaram por experiências anteriores que foram marcadas pelo preconceito, e isso acaba fazendo com que desenvolvam dificuldades em relação a confiança emocional, pois há o medo de criar vínculos profundos com alguém e depois não serem aceitos quando a outra pessoa descobre sobre sua sexualidade, assim, tendo que lidar mais uma vez com o abandono

de alguém que significava muito pra sujeito LGBT+ (SANTOS; LIMA, 2022; GONTIJO *et al.,* 2024; COLISSI; PUREZA, 2024).

Quando se trata de relacionamentos amorosos, as experiências de preconceito e rejeição social vivenciadas por esses sujeitos também são capazes de causar impactos significativos no emocional. Casais LGBT+ vivem em constante alerta em espaços públicos quando querem demonstrar seu amor, seja dando selinhos, andando de mãos dadas, ou até mesmo se abraçando em alguns casos. Tudo, se feito de forma muito explicita, pode atrair olhares tortos na direção do casal (SANTOS; LIMA, 2022; GONTIJO *et al.,* 2024; COLISSI; PUREZA, 2024).

Casais da comunidade sofrem constantemente por conta do preconceito e das imagens negativas que são criadas em relação a casais fora do padrão cis heteronormativo. Até os dias atuais ainda pode-se encontrar pessoas que acreditam que a homossexualidade está relacionada a promiscuidade, e que um casal homoafetivo não deveria ter direitos como o de adotar uma criança por exemplo, argumentando que isso geraria prejuízos no bem-estar familiar e infantil da nossa sociedade, e poderia até mesmo representar algum tipo de perigo para a vida da criança adotada. Esse tipo de argumento muitas vezes afeta o psicológico de casais que sonham em ter filhos e os fazem se sentirem desamparados diante do preconceito (SANTOS; LIMA, 2022; GONTIJO *et al.,* 2024; COLISSI; PUREZA, 2024).

Todas essas representações de preconceito contra casais homoafetivos acabam contribuindo para que o estigma social direcionado a comunidade LGBT+ se mantenha presente em nossa sociedade, o que favorece ainda mais os sentimentos de insegurança emocional vividos por esses casais, que acabam tendo que tomar todo tipo de cuidado quando estão juntos em lugares públicos para que não sofram com as represálias sociais. Muitos casais, por consequência disso, optam por viverem seus relacionamentos de

forma mais contida ou mesmo não demonstrando nenhum tipo de carinho em lugares públicos, deixando essas atitudes apenas para ambientes fechados em que e sentem seguros (SANTOS; LIMA, 2022; GONTIJO *et al.,* 2024; COLISSI; PUREZA, 2024).

Por conta de tais vivências, muitos indivíduos LGBT+ acabam experimentando esse sentimento de solidão e incompreensão social. A ausência de ambientes acolhedores e de relações em que essas pessoas possam se sentir de fato seguras pode intensificar fortemente o sentimento de isolamento, o que faz com que esses sujeitos por muitas vezes sintam dificuldades ou mesmo se sintam incapazes de compartilhar suas experiências pessoais relacionadas a sua orientação sexual. Assim, a solidão deixa de ser tratada como apenas a falta de uma companhia, e passa a englobar também o sentimento de não ser de fato compreendido ou acolhido dentro dos espaços sociais que está presente (SANTOS; LIMA, 2022; GONTIJO *et al.,* 2024; COLISSI; PUREZA, 2024).

O sentimento de não pertencimento social é algo que devemos levar em conta quando falamos do sofrimento psicológico dessa parte da população. Afinal, a sensação de estar fora dos padrões considerados aceitáveis pela sociedade irá fazer muitas vezes com que o indivíduo busque o isolamento social. Por outro lado, em ambientes em que o indivíduo se sente respeitado, acolhido e aceito pelas pessoas ali presentes, ele tende a sentir um bem-estar emocional maior. Portanto, apesar dessas dificuldades enfrentadas, a existência das redes de apoio social pode atuar como um fator de enorme importância para a proteção emocional das pessoas pertencentes a comunidade LGBT+ (COSTA; NOVO, 2025; COLISSI; PUREZA, 2024).

Quando uma pessoa da comunidade LGBT+ se sente segura e acolhida dentro dos espaços sociais, isso acaba contribuindo para o fortalecimento de sua autoestima, ajudando na sua autoaceitação e melhorando significativamente suas relações interpessoais. Quando

se tem a presença de pessoas que oferecem apoio emocional em sua vida, isso contribui para que os impactos psicológicos do preconceito e da discriminação sejam reduzidos significativamente. As relações saudáveis e acolhedoras acabam agindo como elementos que ajudam na proteção contra as experiências de discriminação vividas pelas pessoas LGBT+, e as faz ter um sentimento de segurança emocional e de pertencimento social maior (COLISSI; PUREZA, 2024).

Portanto, podemos assim, entender como o preconceito e a rejeição social, que são constantemente direcionadas as pessoas pertencentes a comunidade LGBT+, são capazes de provocar impactos significativos em diversos aspectos, tanto da vida social, quanto da vida emocional desses sujeitos. As situações de discriminação e exclusão social afetam a vida de diversos indivíduos não cis heteros, seja afetando sua autoestima, suas relações interpessoais ou até mesmo sua segurança emocional. Em tal contexto, estas experiências podem até mesmo contribuir para uma vulnerabilidade psicológica maior, favorecendo o surgimento de sintomas como os de depressão e de ansiedade (COSTA; NOVO, 2025; GONTIJO *et al.,* 2024).

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada a partir da busca e da análise de produções cientificas relacionadas ao preconceito, à rejeição social e à saúde mental da população LGBT+. Assim, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica básica, de natureza qualitativa e abordagem dedutiva. A natureza qualitativa desta pesquisa está relacionada à forma como as informações encontradas na leitura foram interpretadas, enquanto a abordagem dedutiva se deve a forma como a discussão foi desenvolvida a partir de uma visão mais ampla

do preconceito como um fenômeno social até aspectos mais específicos relacionados às suas consequências na vida de pessoas da comunidade LGBT+, incluindo possíveis relações com o surgimento ou agravamento de ansiedade e depressão nesses indivíduos.

Para a realização deste estudo foi feita uma consulta a artigos científicos e livros encontrados na Biblioteca da Faculdade Cathedral, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). As buscas foram sendo feitas através de termos que tem relação com a temática, como preconceito, discriminação, população LGBT+, rejeição social, ansiedade, depressão e saúde mental.

Os materiais para a pesquisa foram selecionados de acordo com a relação que apresentavam com a temática e os objetivos da pesquisa. Buscou-se priorizar produções cujas informações contribuíssem para a compreensão do preconceito como um fenômeno social, de suas manifestações no cotidiano das pessoas pertencentes a comunidade LGBT+ e de suas possíveis consequências no bem-estar emocional e social desses indivíduos. Materiais que não apresentavam informações relevantes para a temática desta pesquisa não foram considerados para a construção do estudo.

Depois de realizada a seleção dos materiais relacionados tanto à problemática quanto aos objetivos do estudo, as produções foram lidas em busca de informações que pudessem contribuir para o desenvolvimento da pesquisa. As informações consideradas relevantes foram sendo selecionadas e organizadas conforme os temas abordados em cada referencial teórico, sendo utilizadas na construção das discussões e mantendo as indicações das respectivas fontes. A partir deste processo, foi possível relacionar diferentes produções científicas para compreendermos melhor o fato de que as experiências de preconceito e rejeição social estão associadas ao bem-estar psicológico da população LGBT+.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito e a rejeição social são experiências que, quando vivenciadas muitas vezes no cotidiano, podem acabar repercutindo em diversos aspectos da vida das pessoas da comunidade LGBT+, especialmente quando ocorrem em ambientes familiares, educacionais, profissionais e religiosos. A análise da leitura realizada permitiu que fosse possível observar como tais vivencias podem acabar ultrapassando os episódios de discriminação e gerar consequências sociais e emocionais significativas na vida desses sujeitos.

Este estudo teve como objetivo discutir como o preconceito e a rejeição social vivenciados pela população LGBT+ podem influenciar sua saúde mental, especialmente no desenvolvimento de ansiedade e depressão. Com isso, foram buscadas respostas para a problemática sobre como tais experiências influenciam no desenvolvimento desses sintomas para esta porcentagem da população.

Os objetivos estabelecidos foram alcançados, uma vez que se tornou possível compreender o preconceito como um fenômeno social, suas manifestações no cotidiano das pessoas LGBT+ e suas consequências sociais e emocionais na vida dessas pessoas. A leitura analisada evidenciou que certos tipos de sentimentos, como insegurança, dificuldades de autoaceitação e isolamento, acabam muitas vezes sendo consequências geradas a partir das situações de preconceito e discriminação.

Através dos estudos analisados, conclui-se que a exposição a esses tipos de experiências pode acabar contribuindo para uma maior vulnerabilidade psicológica nessas pessoas, favorecendo assim o surgimento ou até mesmo o agravamento de sintomas relacionados a ansiedade e depressão. Por outro lado, percebe-se também que a

presença de redes de apoio e ambientes acolhedores em muitos casos acaba sendo relevante para que haja uma maior proteção emocional e um fortalecimento do sentimento de pertencimento para as pessoas da comunidade LGBT+.

Este estudo contribuiu para que fosse possível ter uma visão mais ampla sobre as relações entre preconceito, rejeição social e saúde mental, além de tornar mais evidente o quão importante é a existência não só do acolhimento como também do respeito às diferenças nos espaços sociais. Tal compreensão também pode acabar contribuindo bastante para que haja práticas profissionais mais sensíveis a esses tipos de experiências vivenciadas por essa parte da população.

Como limitação, pode-se destacar o caráter bibliográfico da pesquisa, uma vez que tais conclusões foram construídas através de produções científicas selecionadas para análise. Sendo assim, as conclusões apresentadas neste estudo foram baseadas em estudos já existentes e nas informações disponíveis nos materiais que foram analisados. Além disso, devido às produções analisadas focarem em diferentes contextos, nem todas as experiências vivenciadas por esta parte da população puderam ser igualmente aprofundadas.

Compreender os impactos do preconceito e da rejeição social na saúde mental da população LGBT+ reforça mais ainda a importância da compreensão de que tais experiências têm uma grande relevância para o bem-estar psicológico dessas pessoas. A ampliação do conhecimento sobre tal relação pode favorecer bastante na forma como ocorre o acolhimento e compreensão das experiências sociais e das particularidades de cada ser humano.

REFERÊNCIAS

BATISTA, T. S. *et al*. “Homofobia internalizada e depressão em mulheres e homens homossexuais e bissexuais: Inquérito de saúde LGBT+, 2020”. **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 29, 2024.

BELISARIO, G. “Preconceito de moradia: casa e os movimentos expulsivos”. **Cadernos Pagu**, n. 75, 2025.

CECY, D. W. P.; ANTUNES, M. C.; WANDERBROOCKE, A. C. N. S. “Homofobia internalizada e saúde mental: uma revisão sistemática”. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, vol. 20, 2024.

COLISSI, J.; PUREZA, J. R. “Apoio social e estresse de minorias em mulheres lésbicas e bissexuais”. **PSI UNISC**, vol. 8, n. 2, 2024.

COSTA, C. S.; NOVO, A. C. A. C. F. “A heterocisnormatividade e as implicações à saúde mental”. **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 30, 2025.

CRAVO, F. A. M.; VERDERAMIS, P. B. “Caracterização dos estudos sobre preconceito sexual e de gênero no Brasil”. **Psicologia Argumento**, vol. 41, 2023.

CROCHÍK, J. L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2006.

GOMES, M. *et al*. “A violência para com as pessoas LGBT uma revisão narrativa da literatura”. **Brazilian Journal of Health Review**, vol. 4, 2021.

GONTIJO, G. C. S. *et al*. „Saúde mental da população LGBTQIA+". **Revista Foco**, vol. 17, 2024.

IRIART, J. A. B.; CASTELLANOS, M. E. P. "Preconceito, discriminação e exclusão em saúde". **Ciência e Saúde coletiva**, vol. 28, n. 1, 2023.

LIMA, M. E. O. **Psicologia social**: temas e teorias. São Paulo: Editora Blucher, 2023.

LOPES, R. C. **Preconceito e discriminação em Portugal**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2024.

LOURO, G. L. *et al*. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

NUNES, E. C.; GARCIA, B. P. "O abandono afetivo de LGBT na sociedade brasileira à luz dos direitos humanos". **Direito em Revista**, vol. 7, 2022.

SANTOS, M. E.; LIMA, F. C. "Impactos do preconceito homofóbico na saúde mental das pessoas LGBTQI+: breves apontamentos". **Revista Mosaico**, vol. 13, 2022.

SILVA JUNIOR, V. B.; SILVA, W. F.; MOTA, S. F. "Saúde mental da população LGBt+ e os impactos do preconceito: uma revisão bibliográfica". **Revista Aracê**, vol. 7, n. 2, 2025.

SOUZA, R. S. "Em defesa da comunidade LGBT+: uma crítica ao uso do texto bíblico como justificativa para o preconceito". **Revista Tópicos**, vol. 3, 2025.